

Protestantismo e educação no Brasil¹

Cesar Romero Amaral Vieira²

O protestantismo missionário, de origem norte-americana, está presente na sociedade brasileira a mais de um século com suas igrejas e seus colégios formando, instruindo e influenciando pessoas das mais variadas matizes ideológicas e confissões religiosas. Muito já se falou sobre sua contribuição para formação sociopolítica do Brasil, mas aqui, quero lançar um pouco mais de luzes sobre sua contribuição para o cenário educacional brasileiro, a partir de um olhar seletivo sobre a história da educação metodista no período de sua implantação em terras nacionais.

Este artigo foi elaborado com a intenção de dar organicidade, a um conjunto de reflexões, que se articula com a investigação sobre a primeira instituição escolar metodista no Brasil, realizada desde 2010³. A questão central que aqui nos ocupa é identificar as práticas culturais desenvolvidas pelo Colégio Piracicabano e veiculadas nas páginas da *Gazeta de Piracicaba*, nos primeiros anos em que a sua fundadora, Martha H. Watts, ocupou sua direção. Intencionamos aqui descrever, de modo breve, como a difusão dessas práticas postas em circulação pelo discurso jornalístico, contribuiu para a produção de representações que passaram a fazer parte integrante do cenário educacional piracicabano.

Como já procurei sustentar em escritos anteriores (VIEIRA, 2006 e 2011), o foco de análise incide sobre um cenário historicamente determinado

¹ Parte de um texto originalmente escrito para compor um livro sobre o Protestantismo no Brasil organizado pela UFCG sob o título: “Protestantismo e educação no Brasil: notícias da educação protestantes no oeste paulista” (2015).

² Cesar Romero Amaral Vieira: Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É docente do Programa de Pós-Graduação em Educação desde 2009.

³ *Entre a memória e o arquivo: Colégio Piracicabano (1881-1935)* foi a primeira pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Educação e Protestantismo (GPEP), da Universidade Metodista de Piracicaba – 2010-2012, com apoio do CNPq. Esta pesquisa resultou no projeto de Iniciação Científica *Arquivos, memórias e representações de um colégio americano no interior paulista* desenvolvido em duas partes. A primeira conduzida pelo bolsista (FAPIC/UNIMEP/CNPq) Rafael Henrique da Silva Cordeiro (2012-2013), e a segunda, pela bolsista (FAPIC/UNIMEP/CNPq) Silvana Meirielle Cardoso (2014-2015).

pela tensão existente pela polarização entre o *novo* representado pelo desejo ardente da República, e o *velho* representado pelo Regime Imperial. Portanto é necessário olhar para a estrutura socioeconômica do Brasil em sua relação de dependência do capitalismo moderno, como um dos elementos para se compreender o “sucesso” inicial dos primeiros colégios protestantes. De acordo com Ramalho, “o surto modernizador, que se inicia, vai atuar nos diversos níveis da sociedade e produz questionamentos nas ideias e valores estabelecidos, na organização jurídico-política, nas ênfases da economia e inevitavelmente na formulação da prática educativa” (RAMALHO, 1976, p. 73).

Missionários e educadoras protestantes no Brasil no final do século XIX

Embora a presença de agentes protestantes esteja registrada na historiografia brasileira desde a segunda metade do século XVI⁴, o protestantismo de origem missionária instituiu-se como integrante do campo educacional brasileiro, somente nas três últimas décadas do século XIX, com a fundação de colégios nas principais províncias brasileiras⁵.

Originários do movimento de expansão missionária norte-americano, iniciado no alvorecer do século XIX, representantes das sociedades metodistas, presbiterianas e batistas⁶ chegaram ao Brasil com propósitos idênticos de evangelizar e educar a nação de acordo com os ideais de uma civilização cristã, moldada nos princípios americanos⁷. Visto a partir desta perspectiva, a educação seria, pois, utilizada como veículo privilegiado de

⁴ A primeira presença foi registrada no ano de 1555. A Igreja Reformada de Genebra enviou dois ministros e quatorze estudantes para reforçar a causa do controverso Almirante Nicolau Durand de Villegagnon (Cf. KIDDER, 2001, p. 27).

⁵ Existem indícios da presença de iniciativas educacionais protestantes antes mesmo deste período, como é possível extrair das obras de Gilberto Freire (1975, p. 418) e Reily (1984, p. 76 e 82).

⁶ A Igreja Congregacional foi a primeira “igreja de missão” a se instalar de forma permanente no Brasil, entretanto, não é aqui citada, pois o seu fundador, o escocês Robert Reid Kalley, era considerado um missionário autônomo quando chegou ao Brasil em 1855 (Cf. MENDONÇA, 1990, p. 34).

⁷ A ata constitutiva da primeira sociedade missionária metodista registra que “estas associações foram concebidas para difundir os benefícios da educação e do cristianismo, para promover e sustentar escolas missionárias e missões cristãs nos Estados Unidos, em todo o continente americano e nos países estrangeiros”, de acordo com o 54th Annual Report for the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church for the year 1873, New York, 1873, p 10, 12 e 14 (Apud BASTIAN, 1994, p. 106).

propaganda indireta, cujo objetivo principal, era a penetração do protestantismo no continente americano.

Mendonça (1984), um dos mais respeitados pesquisadores do protestantismo brasileiro, também percebe na educação um forte componente da estratégia missionária na implantação do protestantismo no Brasil e na América Latina. Nestes países, as empresas missionárias foram enviadas com a dupla tarefa de evangelizar e educar. Como descreve Bastian, “a escola nunca esteve dissociada do templo e se construiu, em geral, ao lado deste último quando se constituía em um local a parte. Em alguns casos, o templo era utilizado para o culto e para o ensino” (BASTIAN, 1994, p.129).

De acordo com Mendonça, ao lado dos pastores missionários, invariavelmente eram incluídas “especialistas em educação, principalmente mulheres e algumas destas conquistaram reconhecimento na educação brasileira, como Carlota Kemper, Marcia Brown e Martha Watts”⁸ (1984, p. 93). Nas três últimas décadas do século XIX, dezenas de missionárias educadoras desembarcaram nos portos brasileiros, mas concordo com os argumentos trazidos por Mendonça de que estas três mulheres merecem destaque especial pelo reconhecimento adquirido fora da historiografia protestante, contudo não podemos deixar de incluir, o nome da brasileira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade neste seleto grupo de educadoras protestantes.⁹

Beneficiados pela aprovação da Lei nº 54, de 15 de abril de 1868, que instituiu a desoficialização dos estudos secundários e a liberdade de atuação

⁸ Carlota Kemper, presbiteriana, participou ao lado de Samuel R. Gammon da fundação da Escola Agrícola de Lavras, MG, hoje Universidade Federal de Lavras (ROSSI, 2010). Marcia Brown, também de tradição presbiteriana, participou da reforma Caetano de Campos em São Paulo em 1890 que em síntese geral, reformulou a Escola Normal paulista e convertia em escola-modelo as escolas anexas; Martha H. Watts, metodista, foi diretora do Colégio Piracicabano e exerceu forte influência nos processos educacionais conduzidos por Prudente de Moraes Barros e Rangel Pestana (BARBANTI, 1977; MESQUIDA, 1994, VIEIRA, 2006).

⁹ Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, presbiteriana, realizou sua formação nos Estados Unidos, foi responsável por abrir na corte brasileira um jardim da infância e a primeira escola para formação de jardineiras – o *Kindergarten* Modelo; participou da Reforma Caetano de Campos ao lado de Miss Browne em São Paulo em 1890 e da Reforma Pinheiro Carvalho de Brito em Minas Gerais em 1906. Ver (CHAMON, 2005).

do ensino privado¹⁰, na província de São Paulo, esses protestantes dividiram-se estrategicamente entre os redutos republicanos de maiores influências¹¹. Além de suas igrejas, os presbiterianos do norte, fundaram na capital a Escola Americana (1870); no interior, os presbiterianos do sul fundaram em Campinas o Colégio Internacional (1873); por seu turno, os metodistas sulistas, em Piracicaba, o Colégio Piracicabano (1881). A igreja Batista só implantaria sua escola na capital paulista no início do século XX, apesar de haver indícios de que os Batistas do Sul tentaram fundar um colégio misto em Santa Bárbara do Oeste, em 1880, mas não tiveram êxito devido a dificuldades financeiras e o não envolvimento da Junta de Missões Estrangeiras no empreendimento (FLYN, 2005, p. 163-175). Nesse período, os protestantes contavam invariavelmente com a simpatia da vanguarda republicana paulista.

Missionários metodistas no Brasil

O primeiro a empreender uma viagem de reconhecimento à América do Sul foi o jovem metodista Fountain E. Pitts da Conferência Anual do Tennessee, que esteve no Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires em 1835, a fim de fazer um relatório sobre a conveniência do estabelecimento de trabalhos metodistas nestas capitais. Não demorou muito para concluir que o Rio de Janeiro constituía-se em um ótimo campo para a pregação do evangelho. Em carta enviada ao secretário correspondente da sociedade missionária da Igreja Metodista Episcopal o jovem Pitts informava que o Brasil era “o mais liberal de todos os países católicos do mundo na tolerância religiosa e porque abarca diversos portos populosos, tais como São Salvador, Rio Grande e Rio de Janeiro”. De acordo com o seu relatório fazia-se urgente o envio de um missionário a fim de iniciar os trabalhos imediatamente (Apud REILY, 1984, p. 81). Esse sentimento de “tolerância religiosa” percebido pelos protestantes é

¹⁰ Regulamentada em 18 de abril de 1869 com a instituição do Regulamento para a Instrução Pública e Particular da Província de São Paulo.

¹¹ A possibilidade de abrir escolas sem uma prévia autorização do governo facilitou às diferentes confissões religiosas a abertura de escolas para seus adeptos. A década de 1870 é geralmente vista pela historiografia educacional brasileira como um divisor de águas, representando o início de uma fase de grandes transformações que atingiram vários setores da vida do país e em especial o ensino público.

um traço marcante de grande parte da elite intelectual brasileira que se estende por grande parte do século XIX até a primeira década do século XX, conforme se pode extrair de alguns relatos da época¹².

No dia 29 de abril de 1836, chega ao Rio de Janeiro, partindo de Nova York, o jovem Justin Spaulding, considerado o primeiro missionário metodista a se estabelecer no Brasil. Sentindo a necessidade de fazer aqui o que já faziam os metodistas nos Estados Unidos da América, chamou professores para abrirem uma escola diária, antes mesmo de completar um mês de permanência na capital do império, de acordo com o pequeno excerto extraído da carta de Spaulding à Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal datada do Rio de Janeiro de 1836 e publicada no *Christian Advocate and Journal* em 02/12/1836, citada por Reily.¹³

Sob a recomendação e pedido de alguns dos meus amigos aqui, abri uma escola diária [...] Geralmente crê-se que o estabelecimento de escolas de aprendizagem sobre princípios largos e liberais será um dos meios mais diretos de acesso ao povo deste país. Há muitos que valorizam o aprendizado e, porque não podem educar os filhos aqui, mandam-nos a outros países. Se pudéssemos prestar-lhe esse serviço, creio que, com a benção de Deus, talvez poderíamos nos aproximar deles para prestar-lhes um serviço maior, sim o maior dos serviços, o de encaminhá-los ao “cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. (REILY, 1984, p. 85)

A missão Spaulding permaneceu no Rio de Janeiro por seis anos (1836-1841) quando foi chamada de volta, pois a Igreja Metodista Episcopal vivia uma grave crise financeira provocada pela grande depressão econômica nos Estados Unidos de 1837.¹⁴

¹² Freyre em *Ordem e progresso* fala de um cristianismo de “consciência” ou de “sentimento” presente no discurso daqueles que viam nos países protestantes um modelo de progresso a ser seguido. “O Progresso absoluto, único, linear, a que o Brasil religioso, repudiando tradições hispânicas e constantes latino-católicas que o distanciavam de anglo-saxões e de Protestantes, devia sem demora e sem restrições ajustar-se, desprendendo-se da tutela de Roma e conservando um Catolicismo apenas íntimo, refugiado na consciência ou no sentimento de cada um, como aconselhava Joaquim Nabuco” (FREYRE, 2000, p. 687)

¹³ Outra referência sobre a criação desta escola pode ser encontrada em SANTOS, L. G. *O Católico e o Metodista ou refutação das doutrinas heréticas e falsas, que os intitulados missionários do Rio de Janeiro, Metodistas de New York têm vulgarizado na Corte por meio de huns impressos chamados Tracts, com o fim de fazer prosélitos para a sua seita*. Cia. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I.P. da Costa & Co., 1838.

¹⁴ De acordo com Reily as três principais causas do fechamento da missão estavam apontadas no relatório publicado pelo *Twenty-second Annual Report of the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church*, N.Y., 1841, p. 14-15: “1) falta de pessoal missionário; 2) dificuldade de acesso direto ao povo brasileiro devido a superstições e

Enviado pela *American Bible Society*, o metodista Daniel P. Kidder também esteve no Rio de Janeiro entre os anos de 1837 e 1840. Coube a ele as primeiras impressões mais sistematizadas sobre o Brasil registradas no seu livro *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. Esta obra tornou-se, para os americanos, um clássico sobre o Brasil. Após perder sua esposa Cynthia H. Kidder, vitimada pela febre amarela, Kidder retorna aos Estados Unidos da América de onde faz publicar ainda uma tradução da brochura do padre Diogo Feijó sobre o celibato clerical, e em parceria com o missionário presbiteriano James C. Fletcher, *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo*, em dois volumes.

Entretanto, a história da educação metodista no Brasil não pode ser entendida fora do contexto das primeiras imigrações norte-americanas para Santa Barbara do Oeste, no final da guerra de secessão em 1865; nem, sem levar em conta, a participação dos irmãos Prudente e Manoel de Moraes Barros, eminentes advogados que envidaram esforços no sentido da criação de uma escola norte-americana em Piracicaba. Embora no excerto abaixo sobressaia o nome de Manuel Moraes Barros, Prudente de Moraes Barros faz parte da história do Colégio de forma indelével.

A existencia do Collegio Piracicabano é devida ao revdm. Junius E. Newman, aquelle venerando e modesto ancião norte-americano, que desde 1875 incessantemente tem trabalhado para conseguir sua fundação. A esse importante estabelecimento acha-se ligado um nome, cuja pessoa muito o tem auxiliado: é o sr. dr. Manoel de Moraes Barros, a quem o se. Newman e os demais amigos do Collegio devem valioso acoroçoamento e relevantes serviços. (GP, 11/02/1883)

Provavelmente o interesse por um colégio americano em Piracicaba estava relacionado ao sucesso que o Colégio Internacional, fundado pelos presbiterianos George Nash Morton e Edward Lane em 1873, desfrutava junto à elite liberal campineira.

Com um aporte financeiro modesto de 500 dólares doados pela *Woman's Foreign Missions Society of Methodist Episcopal Church*, do Sul dos Estados Unidos e com o apoio de políticos locais, em junho de 1879, foi

limitação da liberdade religiosa; e 3) arrocho financeiro provocado pela depressão econômica dos Estados Unidos, o chamado "Pânico de 37".

estabelecida, com o nome de Colégio Newman, a primeira iniciativa educacional conduzida por um imigrante norte-americano em Piracicaba. Em maio de 1879, o Colégio Newman abriu as suas portas, sob o comando e organização pedagógica de Annie Ayres Newman. Filha mais velha do Rev. Newman, Annie foi uma das primeiras alunas do Colégio Internacional e professora do Colégio Pestana, na capital paulista, de 1876 a 1878, período em que Francisco Rangel Pestana era seu diretor. O Colégio permaneceu aberto por apenas um ano, encerrando suas atividades em junho de 1880. Apesar da curta duração, esta escola lançou as bases do que ficaria conhecido como o primeiro Colégio Metodista no Brasil (Cf. VIEIRA, 2011, p. 283-284).

No dia 26 de março de 1881, o rev. J. J. Ransom partiu de Nova York rumo ao Brasil trazendo consigo outros dois missionários metodistas, James W. Koger e esposa, Francis S. Koger¹⁵, e James L. Kennedy, além da educadora Martha Hite Watts, com 32 anos, originária de Bardstown, Kentucky, enviada pela Sociedade Missionária de Mulheres (WFMS). Após desembarcarem no pelo Rio de Janeiro, chegaram a Piracicaba via a linha Inglesa e Ituana, no dia 19 de maio de 1881. No dia 13 de setembro de 1881, Martha Watts abriu o Colégio Piracicabano dando continuidade ao projeto educacional iniciado pela família Newman.

As missões metodistas dirigidas por mulheres¹⁶ fundaram em todo território nacional, entre o final do século XIX e início do século XX, os seguintes estabelecimentos de instrução primária e secundária: Colégio Piracicabano¹⁷ – Piracicaba, SP (1881), Colégio Americano – Porto Alegre, RS (1885), Escola do Alto, RJ (1892-1895), Colégio Americano Fluminense, RJ (1892-1915), Colégio Mineiro – Juiz de Fora, MG (1891-1914), Colégio Americano de Petrópolis, RJ (1895-1920), Colégio Metodista de Ribeirão

¹⁵ Há indícios nos registros históricos que Francis Koger chegou a abrir uma escola (school day) para ambos os sexos, mas por questão de saúde o trabalho não chegou a prosperar (Cf. BARBOSA, 2005, p. 32).

¹⁶ Woman's Foreign Missions Society of the Methodist Episcopal Church, South – WFMS (Sociedade de Missões Estrangeiras das Mulheres da Igreja Metodista Episcopal do Sul) fundada em 1878.

¹⁷ A fundadora do Colégio Piracicabano também foi responsável pela fundação do Colégio Americano de Petrópolis e pelo Colégio Izabela Hendrix.

Preto, SP (1899), Colégio Izabela Hendrix, Belo Horizonte, MG (1904), Colégio Bennett, Rio de Janeiro, RJ (1921), Colégio Centenário de Santa Maria, RS (1922). De acordo com Mesquita (1994, p. 147), citando Montgomery (1910, p. 45-48), o objetivo da WFMS era “elevar a mulher, física, espiritualmente e intelectualmente pela educação liberal”. A junta de missões comandadas por homens fundaram ainda: o Colégio Granbery de Juiz de Fora, MG (1889), Colégio americano de Taubaté, SP (1890-1895), Colégio União de Uruguayana, RS (1907), Porto Alegre College, RS (1919) e o Instituto Ginásial de Passo Fundo, RS (1919). Alguns desses estabelecimentos escolares fecharam suas portas por razões várias¹⁸, uns em função de surtos epidêmicos, outros para fundirem-se com outras unidades¹⁹ ou mesmo por outras circunstâncias (cf. MESQUITA, 2001, p. 12).

E não foram estes os únicos empreendimentos educacionais levados a cabo pela Igreja Metodista, ao lado das congregações locais era incentivada a construção de salas de aulas para o atendimento da população local, chamadas de escolas paroquiais²⁰. Como fica evidente nas Actas da 10ª Reunião Anual do Brazil Missionary Conference de 1894-1895, no relatório da Junta de Educação da Igreja Metodista: “A comissão folga igualmente em ver que se acham brotando aqui e alli escholas parochiaes. A Junta está convicta da necessidade e grande utilidade dessas escholas e deseja que ellas se multipliquem e prosperem”. Segue o relatório exaltando alguns personagens que se destacaram nesta missão, e assim prossegue:

A junta offerece um voto de louvor a cada uma das pessoas que tem envidado esforços nesse sentido e deseja animar-as nesta útil, quão necessaria obra: e aproveita a ocasião para recommendar aos pastores das diversas Egrejas que procurem animas qualquer tentativa desta natureza, estabelecendo semelhantes escholas onde for possivel. (ACTAS, 25/30 jul., 1895, p. 21)

¹⁸ É o caso da Escola do Alto, do Colégio Americano Fluminense, do Colégio Mineiro e do Colégio Americano de Petrópolis não tiveram continuidade e fecharam suas portas prematuramente.

¹⁹ O Colégio Americano de Taubaté fechou suas portas cinco anos após sua inauguração sendo os alunos internos transferidos para um colégio na capital paulista que também encerrou suas atividades após cinco anos (ver. KENNEDY, 1928, 375).

²⁰ Esta prática também era comum às outras denominações protestantes em geral.

O Colégio Piracicabano

Enquanto os outros missionários metodistas cuidavam da assistência espiritual aos imigrantes, Martha Watts, de pronto, se entregou ao trabalho educacional e em 13 de setembro, do mesmo ano, inaugurava em uma casa alugada, com apenas uma aluna²¹, o que seria conhecido como o primeiro colégio metodista no Brasil, e logo se tornaria uma das principais referências na Província de São Paulo e principal modelo para a Reforma da Escola Normal paulista de 1890, de acordo com as declarações do inspetor de instrução pública do estado de São Paulo, João Sampaio: “Prudente de Moraes, inspirado pelo exemplo vivo do sistema norte-americano, idealizou o plano da Reforma, cujo desenvolvimento foi uma das bases da grandeza de São Paulo” e supervaloriza essa influência ao dizer que “a organização educacional de São Paulo, no decorrer do tempo, serviu de padrão a todas as outras unidades da Federação. E assim se tornou obra nacional” (SAMPAIO, 1958, p. 13 e 14)

Em pouco tempo, o número de alunas aumentou e a necessidade de um novo prédio se fez premente para acomodar melhor a grande demanda. A *Woman's Foreign Missions Society* novamente foi acionada e levantou nova quantia em favor do sucesso da obra missionária, conforme notícia publicada ocupando toda a primeira página da *Gazeta de Piracicaba* de 11 de fevereiro de 1883: “A construção do edificio está contractada com o sr. W. Kanssler, por mais de 30:000\$000; será de um andar e com commodos sufficientes para mais de trinta alumnas internas”.

O lançamento da pedra angular do prédio *Principal*, como fora chamado, em oito de fevereiro de 1883, foi um acontecimento de grandes proporções, tanto pedagógico como político e religioso, e contou com a presença da vanguarda da vida cultural e política da cidade e da Província de São Paulo. Estiveram presentes no lançamento: os oradores Francisco Rangel Pestana (proprietário da *Província de São Paulo*) e G. Nash Morton

²¹ Maria Escobar natural de Minas Gerais, possivelmente de Jaguari, filha de Ana Luiza da Silva e de Antonio Gomes de Escobar, um escrivão, amante da música e jornalista anti-clerical (Cf. VEIGA, 1981).

(diretor do Colégio Internacional de Campinas), Manuel de Moraes Barros (senador), José M. de França Junior (*Gazeta de Piracicaba*), Adolpho A. Nardy de Vasconcelos (advogado) que proferiram breves discursos, além do pastor metodista J. J. Ranson (GP. 11/02/1883, p. 1). E a este evento a *Gazeta* deu ampla cobertura, noticiando que este seria o primeiro edifício construído especialmente para abrigar uma escola em Piracicaba, destacando-se das demais construções caiadas e térreas que ocupavam uma das principais ruas da cidade, a Rua Boa Morte. Descrito como um prédio espaçoso, arejado e construído sob todas as regras de higiene o Colégio Piracicabano dava início a um novo modelo de organização escolar que tinha como propósito maior, quer por meio de sua construção arquitetônica, quer por meio dos novos métodos pedagógicos utilizados, produzir novos referenciais sociais numa sociedade marcada pelo discurso republicano que vinculava instrução à ideia de progresso (Cf. CACHIONI; MESQUIDA, 2012).

A cerimônia de inauguração recebeu, além dos comentários da *Gazeta*, a cobertura dos grandes jornais da Província, o que irritou profundamente os ânimos dos dirigentes locais da Igreja Católica, que por meio do seu jornal *O Apóstolo*, mostraram-se indignados com a conivência das autoridades e denunciaram como “criminosa a tolerância do governo imperial que nada fez para impedir a realização deste ato (...) aplaudido pelas autoridades e pela população” (O APÓSTOLO, 26/02/1883).

Em uma verificação atenta à primeira página do livro de matrículas, aberto em 1881, é possível verificar que nos seus anos iniciais o Colégio Piracicabano, além de atender os filhos dos imigrantes norte-americanos sediados em Santa Bárbara do Oeste e Americana, recebeu representantes da fina flor da elite republicana local, numa aliança que se refletiu por muitos anos. Exemplo disto é presença dos nomes dos filhos dos ilustres irmãos Manoel²² e Prudente de Moraes Barros²³ que aparecem grafados na seguinte ordem: Elisa de Moraes Barros, Jorge de Moraes Barros, Anna Maria de

²² Manoel de Moraes Barros (1836-1902), advogado, foi juiz municipal de Piracicaba, delegado de polícia, inspetor da instrução pública, vereador por Piracicaba, deputado provincial e senador da República.

²³ Prudente de Moraes Barros (1841-1902), advogado, foi vereador por Piracicaba, deputado provincial, deputado geral, presidente do estado de São Paulo, Senador da República, presidente da Assembleia Nacional Constituinte de 1891 e 1º presidente civil eleito do Brasil.

Moraes Barros em 1882, Nicolau de Moraes Barros em 1883 e Ignez de Moraes Barros em 1885²⁴ (filhos de Manoel de Moraes Barros e Maria Ignez da Silva Gordo); Maria Amélia de Moraes Barros e Prudente de Moraes Filho em 1882, Júlia de Moraes Barros em 1883 e Carlota de Moraes Barros em 1884 (filhos de Prudente José de Moraes e Adelaide Benvinda da Silva Gordo) (Cf. VIEIRA, 2011, p. 287).

Nos primeiros anos de funcionamento o Colégio Piracicabano contava com apenas três professoras, duas adjuntas, e trinta e duas alunas (GP, 11/02/1883, p. 1). A primeira professora a ser contratada foi Jeanne Françoise Marie Rennotte (1852-1942). De origem belga e com formação acadêmica na França, Rennotte foi professora no Instituto de Educação Grossherzogliches de Mannheim, na Alemanha²⁵, onde ensinou língua francesa.

Não era uma missionária metodista, mas logo tornou-se a pessoa de confiança de Miss Watts, assumindo a responsabilidade pela orientação educacional do Colégio e encarregada de ensinar as matérias na área de ciências naturais: física, química, botânica, zoologia e mineralogia. Enquanto esta se preocupava com as questões administrativas, aquela se dedicava integralmente à elaboração e defesa dos princípios educacionais que alicerçavam o Colégio, de acordo com práticas educacionais inovadoras em relação à educação feminina (Cf. VIEIRA, 2011). Em 1889, com o apoio do primeiro presidente do estado de São Paulo, Prudente José de Moraes Barros (1890-1891), transferiu-se para os Estados Unidos da América, onde se formou em Medicina no *Women's Medical College of Pennsylvania* (WMCP), aos quarenta anos de idade, pela primeira escola de medicina norte-americana exclusiva para mulheres, fundada no ano de 1850 pela comunidade Quaker de Filadélfia.²⁶ Assim se expressou a Gazeta de Piracicaba pela despedida de Rennotte:

²⁴ Matriculou-se em 12 de outubro de 1885 com seis anos. Morreu em 30 de junho de 1886 com sete anos de idade.

²⁵ De acordo com carta de apresentação do Instituto Grossherzogliches catalogada no Fundo Maria Rennotte do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo

²⁶ Sobre a trajetória de Jeanne Françoise Marie Rennotte ver o artigo de Leonora De Luca e João Bosco Assis De Luca (2003) e Maria Lucia Mott (2005).

Partira desta cidade no dia 16, com destino aos Estados Unidos para onde se dirigirá depois de visitar a Exposição Universal de Paris, a distinta senhora cujo respeitável nome tomamos como epigraphe a estas linhas, e a que tanto deve a nossa sociedade pelo muito que ha feito para o seu desenvolvimento intellectual como professora do importante Collegio Piracicabano. (GP. 14/07/1889, p. 2)

De acordo com Hilsdorf, *Mademoiselle Rennotte* estava “associada às representações de liberdade, progresso e inovação que acompanhavam os protestantes americanos à época, pois, além de professora e cientista, era escritora e polemista, não hesitando em difundir em artigos da imprensa local e da capital” (HILSDORF, 2002, p. 98). Seus escritos primavam por um tom de igualdade entre os gêneros. Em uma sociedade em que a mulher estava destinada ao lar, ela trazia às paginas da *Gazeta*, o argumento da igualdade intelectual entre os gêneros.

Tanto os seus escritos, publicados na imprensa local e da capital, como nas ações desenvolvidas no Colégio Piracicabano suas estratégias culturais eram sinais indeléveis da presença de uma nova cultura escolar em uma sociedade ainda ligada a práticas tradicionais de organização e produção da vida material. Estava presente nas atividades propostas às alunas, nos artigos compartilhados nos jornais e na demonstração de sua grande erudição nas atividades abertas ao publico.

Dois anos após sua fundação, o Colégio Piracicabano, por iniciativa de *Mademoiselle Rennotte*, instituiu uma associação formada por mulheres, alunas e professoras, denominada “Sociedade Litteraria Piracicabana”. Com o objetivo de obter “a luz através dos livros”, realizava saraus literários contando sempre com presença de grande público. O editor da *Gazeta* elogiou a iniciativa inédita na cidade com as seguintes palavras:

(...) cousa nunca vista nesta cidade. Existe no Collegio Piracicabano uma associação, denominada – “Sociedade Litterária Piracicabana” e composta de alumnas do mesmo collegio, d’entre as quaes foram eleitas a vice-presidente, a secretária, a bibliothecaria, e a tesoureira. Nunca homens exerceram taes cargos nesta terra; pois há agora, e exercidos por meninas, cõnscias da importância delle, e revestidas de toda a gravidade. (GP. 29/04/1883, p. 2)

Ao que tudo indica, esta prática cultural, com o tempo seria também adotada por alguns outros estabelecimentos escolares de Piracicaba e passaria a integrar a vida cultural de parte das famílias piracicabanas, como

se pode perceber na dinâmica do material literário divulgado nas páginas da *Gazeta* a partir deste período: “estiveram presentes diversas famílias e cavalheiros” à segunda sessão da Associação Literária (GP. 24/06/1883, p. 2)

Outro exemplo da afinidade que se manifestava entre a imprensa e o Colégio Piracicabano pode ser percebido no tom de empolgação com que geralmente foram relatadas as festividades em torno dos exames públicos. Os exames citados com efusivo louvor não eram os mesmos adotados pelas escolas públicas que anualmente aplicava como forma de seleção para as academias paulistas. Estes eram, sim, seguidamente criticados nas páginas da *Gazeta* pelo descaso com que eram aplicados pelas instâncias responsáveis. O editor da *Gazeta* denuncia que nos exames aplicados no final do ano, não consta ao menos a presença do digno sr. dr. Inspetor do distrito e que “o publico que paga os professores (...) e que tem seus filhos nas escolas (...) foi posto de fora” (GP. 14/12/1883, p. 2)

Este tipo de prática, adotada pelo Colégio Piracicabano, estava circunscrita a alguns estabelecimentos particulares organizados em sua maioria por senhoras estrangeiras com o surgimento de colégios destinados a educação das meninas, conforme se pode notar da pesquisa de Haidar (2008, p. 212). Esta atividade causou um grande impacto em Piracicaba e região e perdurou por longos anos nas páginas da *Gazeta* e marcou a ousadia com que a diretora deu visibilidade a sua obra educacional. A notícia estampada nas primeiras páginas da *Gazeta de Piracicaba* repete-se, seguidamente, sempre com o mesmo destaque, durante os anos em que a diretora esteve à frente do estabelecimento.

Além de registrar as impressões positivas reconhecendo na diretora requisitos de uma grande educadora e nas alunas a versatilidade do conhecimento adquirido em tão pouco tempo, a *Gazeta* destaca, com o habitual entusiasmo a presença das autoridades que compunham a seleta plateia convidada a assistir os exames de encerramento das aulas do segundo semestre ainda no ano de 1882.

No dia 11 do corrente, às 10 ½ horas, em espaçosa sala achava-se reunida uma escolhida sociedade composta de elegantíssimas senhoras e de cavalheiros distintos. Estavam presentes os srs. P. de Moraes Barros, dr. M. Moraes Barros, dr. Joaquim de Toledo Pisa, dr.

Philippe, dr. N. de Vasconcellos, sr. Serafim Febeliano da Costa, os professores Ompraret e França Junior, srs. A. J. da Silva Gordo, Jacob Diehl, F. Pimenta Gomes, dr. Norberto de Campos, Candido Borges e outros, cujos nomes não nos recordamos na ocasião. (GP, 17/12/1882, p. 1)

A divulgação destes exames tornou-se habitual nas páginas do jornal, descritas em detalhes como uma verdadeira festa, passou a fazer parte da agenda cultural de Piracicaba, como se pode perceber pelos anúncios frequentemente elogiosos que relatavam não somente as atividades de maneira noticiosa, mas dando em detalhes o seu vasto programa: exames de escritura sagrada, aritmética, sistema métrico, exercícios ao piano, física, química, anatomia, aritmética, geografia, história, ginástica, leitura e caligrafia, narração de fábulas, gramática portuguesa, inglês e francês, o que ocupava geralmente mais de dois terços de uma página. Logo esta prática seria adotada por outras escolas particulares de Piracicaba.

Algumas considerações finais

A análise das fontes jornalísticas tomadas como objeto de investigação da história e memória das práticas educativas do Colégio Piracicabano, apresenta-se hoje como um rico dispositivo de informação para o estudo dos modelos e práticas escolares postas em circulação no final do século XIX, por um colégio americano de tradição protestante num contexto cultural adverso. O cruzamento com outras fontes deixam entrever as características de sua cultura escolar, dos modelos pedagógicos selecionados, dos aspectos da cultura material que pouco a pouco vão se revelando e dando sentido a singularidade própria da instituição pesquisada. A análise dessas fontes podem revelar novas possibilidades de leitura da cultura escolar e conduzir à nova compreensão dos processos que deram origem à sua formação e desenvolvimento num processo de interação com um contexto historicamente determinado. A História da Educação no Brasil ainda carece de um estudo aprofundado que parta das práticas educativas dessas instituições escolares protestantes, que aqui chegaram nas últimas décadas do século XIX, como lugar privilegiado para a compreensão de sua importância no cenário educacional brasileiro. A organização e divulgação

das fontes inventariadas podem constituir-se em um excelente material de pesquisa e proporcionar aos pesquisadores possibilidades de novas investigações sobre o Colégio Piracicabano e sobre o processo de escolarização na cidade de Piracicaba no final do século XIX.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, José Carlos. *Lugar onde se encontram os amigos da educação metodista no Brasil*. São Paulo: São Bernardo do Campo; CEPEME, 2005.

CACHIONI, Marcelo; MESQUIDA, Peri. Arquitetura escolar: Colégio Piracicabano entre imagens e representações. Comunicação apresentada no *IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Lisboa, 2012.

CAMARGO, Manoel de A. *Almanak de Piracicaba para 1900*. São Paulo: Tipografia Hennies Irmãos, 1899.

DE LUCA, Leonora; DE LUCA, João Bosco Assis. Marie Rennotte, pedagoga e medica: subsídio para um estudo histórico-biográfico e medico-social. *Fontes*, v. 10(2), p. 703-725, maio-ago. 2003.

FLYNT, Wayne. Religião sulista e os emigrantes para o Brasil, 1865-1885. In: DAWSEY, John C. (Org.). *Americans, imigrantes do velho Sul no Brasil*. Tradução Paulo Wisling, Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005, p. 163-175.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. São Paulo: Editora Record, 2000.

Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Brasil Império*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. Educadoras metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação. *Revista do Cogeime*, São Paulo, ano II, jun. 2002, p. 93-98.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. 2001, no. 1, jan/jun., p. 09-43.

KENNEDY, James L. *50 anos de methodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1928.

MENDONÇA, Antônio G. *O Celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

_____. Protestantismo de origem missionária. In: MENDONÇA, Antônio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola; Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1990, p. 11-59.

MESQUITA, Zuleica. *Evangelizar e civilizar: Carta de Martha Watts, 1881-1908*. Versão bilíngüe. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 2001.

MOTT, Maria Lucia. Gênero, medicina e filantropia: Maria Rennotte e as mulheres na construção da nação. In: *Caderno Pagu*. (24), jan/jun de 2005, pp. 41-67.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.

SAMPAIO, João. *Colégio Piracicabano*. Discurso pronunciado no Salão Nobre desse educandário, na comemoração do seu 77º. Aniversário. São Paulo: Assumpção, Teixeira - Ind. Gráfica, 1958.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. Colégio Piracicabano: Trajetória histórica e representação social (1881-1935). In: *Caderno de Pesquisa em Educação*. V. 17, n. 33, Vitória: PPGE/UFES, 2011. p. 275-297.

_____. *Protestantismo e educação: a presença liberal norte americana na Reforma Caetano de Campos – 1890*. 2006. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

Fontes documentais.

ANNUARIO BRAZILEIRO. Registro oficial da conferência annual da missão brasileira, Juiz de Fora, 1900.

ACTAS. 10ª Reunião Anual do Brazil do Brazil Missionary Conference 1894-1895. São Paulo 1895.

GAZETA DE PIRACICABA, Piracicaba: Typographia da Gazeta de Piracicaba. 1882-1889.

O APÓSTOLO. Rio de Janeiro: Typographia do Apóstolo. 1883.

LEI n.54, de 15 de abril de 1868 e Regulamento da Instrução Pública da Província de São Paulo, de 18 de abril de 1869. In: COLEÇÃO de Leis e Posturas Provinciais promulgadas no ano de 1868 e 1869. São Paulo: Tipografia do Correio Paulistano, 1869.